

EXPERIÊNCIAS DE LEITURA E ESCRITA NA ERA PÓS-DIGITAL

Ederson Fernandes de Souza

Faculdade de Tecnologia Senai Mato Grosso

ederson.souza@senaimt.edu.br

Resumo: A divulgação e produção de hipertextos, na era pós-digital, deve levar em consideração a experiência do usuário. Aproximadamente 80% dos internautas brasileiros acessam conteúdo online utilizando smartphones (IBGE,2014), dessa forma, as habilidades de leitura e escrita para esse universo são outras. Outro fator, que deve ser levado em consideração, é que os materiais produzidos estão navegando em outras esferas de divulgação de conteúdo. Lemos (2013) discute que é nesse ambiente onde ocorre a comunicação bidirecional, ou seja, aquela que escapa a produção massiva da informação, ou seja, que aponta cada vez mais para textos personalizados e bem direcionados. Diante disso, a hipermídia convida para novas experiências de leitura e escrita, mas que ainda estão distantes de serem dominadas pela maioria dos estudantes, quer do ensino básico até o universitário. Essas dificuldades acontecem devido o processo de ensino, ainda pautado nas premissas do século XIX. Bacich, Neto e Trevisani (2015) defendem que o ensino deve ser híbrido, ou seja, mediado por diversos mecanismos que auxiliem todos os atores envolvidos no aprender a aprender e também no desaprender. Sabe-se que há um esforço governamental para o trabalho com os TICs (Tecnologias da Informação e Comunicação) em sala de aula, mas infelizmente o que ocorre é o “transporte” de práticas altamente tradicionais, como uso do quadro negro, pesquisas em livros e resoluções de exercícios, para a tela do computador, não significa que tais mecanismos não possam ser utilizados, mas critica-se a metodologia empregada. Transportar práticas sem nenhum remodelamento significa retrocesso, pois Mota e Scott (2014) defendem que o professor do século XXI deve ser um Designer de conteúdo, ou seja, ultrapassar as fronteiras do conteudismo. Portanto, este trabalho irá abordar as transformações proporcionadas pelas tecnologias digitais no processo de produção e aquisição de conteúdo, em especial, no que tangencia a leitura e escrita na era pós-digital.

Palavras-chave: Hipertextos, Era pós-digital, Tecnologias digitais, Ensino Híbrido.

Introdução

O advento das Tecnologias Digitais trouxe muitas melhorias, mas também certos equívocos, um deles é a premissa de que não há necessidade de aprimorar competências e leitura e escrita, em especial no âmbito universitário. Essa premissa é sustentada porque alguns estudantes acreditam que a tecnologia por si só resolve todos os problemas, no que tangencia habilidades de ler e escrever. Um dos motivos desta crença é devido à maioria desses serem nativos digitais, ou seja, que nasceu “conectada” a internet.

Neste mesmo cenário, há a atuação do professor, que tem a missão de propor atividades que aprimorem as competências de leitura e escrita, essas desejadas pelo aluno aliadas com o uso das Tecnologias Digitais, pois proporciona um aprendizado mais “divertido” e interativo, ou seja, uma aula moderna.

Essa “aula moderna” talvez não seja garantia de um sucesso cognitivo, isso porque as práticas educativas não acompanharam a mesma velocidade das inovações tecnológicas, isso causa certa disparidade de interatividade no contexto de sala de aula. Essa disparidade acontece porque o aluno chega à universidade “atravessada” por uma gama de informações, e, tendo em poder um smartphone pode realizar pesquisas em tempo real e comparar os conteúdos abordados em sala com o que pesquisou na internet.

Mas é preciso destacar, que mesmo com esse “poder” a maioria dos estudantes universitários comunga de uma ilusão de conhecimento, pois o fluxo de informação que lhe é fornecido é gigantesco, dessa forma, ainda lhe falta habilidades cognitivas para realizar esses filtros e é nesse momento que ocorre o processo de frustração tecnológica (MOTA; SCOTT, 2014).

Essa frustração parte do pressuposto de que os aparatos tecnológicos funcionam baseados em comandos e algumas desses ainda não precisam ser programados, ou seja, exige a intervenção humana e pensamento crítico, pois as máquinas replicam os comandos minuciosamente determinados por um programador de sistemas.

Um dos exemplos típicos é o uso do Microsoft Word, em especial o corretor de texto, alguns discentes ao se depararem com a solicitação do professor para estruturar um trabalho acadêmico e escrevê-lo acreditam que devem se preocupar com a correção ortográfica, pois o programa realizará tudo. Mas isso não acontece, pois, ao digitar as palavras que não constam no banco de dados do programa elas ficarão “grifadas” como erradas, caso esse estudante não saiba escrever tal palavra, ela ficará grafada incorretamente.

Dessa forma, quando se escreve textos “originais” e de estilos diversificados não é cabível responsabilizar integralmente os sistemas computacionais para correções ortográficas, concordância nominal, verbal e dentre outras, pois esses estão no ambiente das sinapses cognitivas realizadas pelo cérebro humano, algo que os computadores realizam mediante a presença das informações em seu banco de dados, caso ela não esteja lá à resposta não será apresentada.

Em relação ao assunto Viana (2012, p.2) afirma:

Os corretores ortográficos não são infalíveis. Fazem correções erradas e apresentam sugestões de concordância verbal e nominal que não são adequadas. Além disso, os programas nem sempre disponibilizam sinônimos e antônimos para todas as palavras. Por isso não se deve deixar de consultar dicionários e gramáticas, principalmente após a vigência do novo acordo ortográfico da língua portuguesa, o que ajuda a ampliar o vocabulário e auxilia na escrita.

É importante abrir um parêntese, já há programas computacionais que escrevem textos jornalísticos em inglês de maneira automática, mas esses sistemas realizam uma mineração de informações em banco dados existentes em diversas mídias e constroem enunciados com “recortes” em tempo real, dessa forma, a notícia é publicada de maneira autônoma, mas sempre passa pelo crivo de um jornalista antes da publicação.

Pode-se citar como exemplo de “autonomia” neste assunto, o computador da IBM Watson, ele venceu humanos no programa de TV Jeopardy (2011) nos Estados Unidos, agora o supercomputador está ajudando no diagnóstico do câncer e realiza análises financeiras complexas e escrever textos jornalísticos.

Diamandis e Kotler (2012), ao se referirem ao Watson apontaram que ele é uma das ferramentas mais poderosas já criadas, pois com a disruptura da tecnologia será possível que, em breve, muitos diagnósticos sejam realizados utilizando o Smartphone, como já acontece no continente africano, onde os serviços de diagnósticos são um dos mais precários do mundo.

E é devido a essas inovações disruptivas que se faz necessário alavancar o processo educativo. Bacich, Neto e Trevisani (2015) afirmam que mesmo com a abundância tecnológica ainda ocorre apenas o “transporte” de práticas altamente tradicionais, como uso do quadro negro, pesquisas em livros e resoluções de exercícios, para a tela do computador, tablet, smartphone e até mesmo para a TV digital.

Essa reflexão parte do pressuposto, de que com a circulação dos hipertextos no cotidiano das pessoas, é necessário repensar o processo de ensino-aprendizagem, pois para atuar de maneira significativa no mundo do trabalho é preciso prover os discentes de

ferramentas que os auxiliem a lidar de forma significativa com os hipertextos. Um dos implicadores e reformular as aulas, que ainda são expositivas, ou seja, confeccionada na comunicação unidirecional, estrutura que muitos estudiosos apontam que está falida.

Lemos (2013) discute que atualmente a comunicação bidirecional, ou seja, aquela que escapa a produção massiva da informação, ou seja, que aponta cada vez mais para textos personalizados e bem direcionados, requer do leitor um posicionamento crítico e capacidade de filtrar e selecionar informações, pois segundo ele a hipermídia convida para novas experiências de leitura e escrita, mas que ainda estão distantes de serem dominadas pela maioria dos estudantes, quer do ensino básico até o universitário.

Para ilustrar as afirmações anteriores foram realizadas experiências de leitura utilizando hipertextos, eles foram selecionados de forma aleatória na internet, ao total foram 4 hipertextos, participaram da pesquisa 38 acadêmicos de um Curso Superior de Tecnologia de Análise e Desenvolvimento de Sistemas, Faculdade de Tecnologia Senai Mato Grosso (FATEC SENAI MT). Portanto, este trabalho irá abordar as transformações proporcionadas pelas tecnologias digitais no processo de produção e aquisição de conteúdo, em especial, no que tangencia a leitura e escrita na era pós-digital.

Metodologia

O trabalho fez uso da Pesquisa Qualitativa, o instrumento de pesquisa utilizado foi o Questionário Misto, esse por sua vez confeccionado com 4 perguntas fechadas, proposição afirmativa, e 1 (uma) aberta, proposição interrogativa. Todas as perguntas fechadas possuíram os mesmos direcionadores, pois um dos objetivos foi identificar como os discentes classificariam o hipertexto lido. A opção por fazer uso de 1 (uma) pergunta aberta foi devido a pertinência de realizar o cruzamento e validação dos dados qualitativos obtidos com na pesquisa.

Quadro 1 - Textos utilizados na pesquisa

Perguntas	
Aberta	O Texto da matéria é de fácil entendimento.
	O Texto da matéria é de médio entendimento, pois requer do leitor certo conhecimento sobre o assunto.
	O Texto da matéria é difícil, pois somente especialistas da área conseguem entendê-lo.
Fechada	O que mais dificultou na leitura dos 4 textos?

Quadro 2 - Textos utilizados na pesquisa

Item	Título	Link	Data de Acesso
1	As vantagens de utilizar o Windows 10	https://www.tecmundo.com.br/windows-10/112560-vantagens-usar-windows-10-notebook-hibrido.htm	10/03/2017
2	O que é a 4ª revolução industrial - e como ela deve afetar nossas vidas	http://www.bbc.com/portuguese/geral-37658309	10/03/2017
3	Blockchain: conheça a tecnologia por trás da revolução das moedas virtuais	https://endeavor.org.br/blockchain/	10/03/2017
44	É hora de olhar para 2025 e para os pontos de inflexão da sociedade digital	http://cio.com.br/opiniao/2016/02/15/e-hora-de-olhar-para-2025-e-para-os-pontos-de-inflexao-da-sociedade-digital/	10/03/2017

Fonte: Elaborado pelo autor

A pesquisa foi aplicada no dia 10 de março de 2017 a 38 (trinta e oito) acadêmicos do Curso Superior de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas, FATEC SENAI MT, sendo que 18,4% desses do sexo feminino, que equivale a 7 acadêmicas, e 81,6% do sexo masculino, que equivale a 31 acadêmicos. Um dos fatores pela escolha deste curso é por serem acadêmicos da área da Tecnologia da Informação e Comunicação era preciso identificar a percepção desses no que tange leitura e escrita, pois as maiorias desses estudantes desprivilegiam esta prática, por acharem que não a irão utilizar no seu dia a dia profissional.

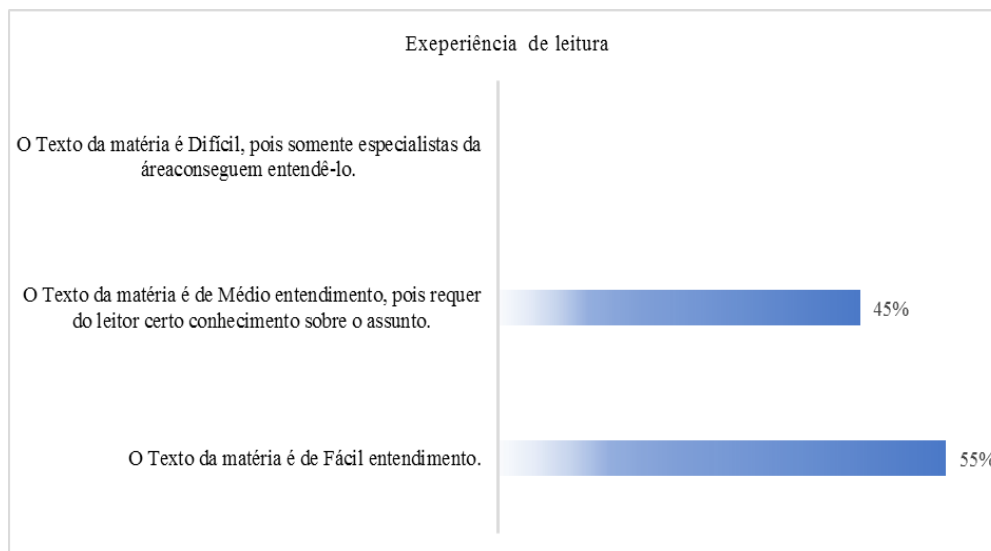
Resultados e Discussão

As linhas que seguem apresentam os resultados obtidos em pesquisa aplicada a estudantes de um curso Superior de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas, FATEC SENAI MT. Os discentes recebem a pesquisa via e-mail e responderam os questionamentos.

No Gráfico 1 é apresentado as percepções dos acadêmicos em relação a experiência de leitura. O hipertexto proposto para a leitura, *As vantagens de utilizar o Windows 10*, está postado no site <https://www.tecmundo.com.br>. Após a leitura mais da metade dos estudantes, 55%, apontaram que o material lido é de fácil entendimento, um dos motivos dessa tal “facilidade” de leitura é elencado ao uso da estratégia da pluralidade ou multisemiose, que Marcuschi e Xavier (2004, p.177) afirmam ser “uma novidade fascinante do hipertexto por

viabilizar a absorção de diferentes aportes sígnicos numa mesma superfície de leitura, tais como palavras, ícones animados, efeitos sonoros, diagramas e tabelas tridimensionais”. Essa estratégia proporciona âncoras interpretativas e oportunizam melhores experiências de leitura.

Gráfico 1 - Experiência de Leitura 1



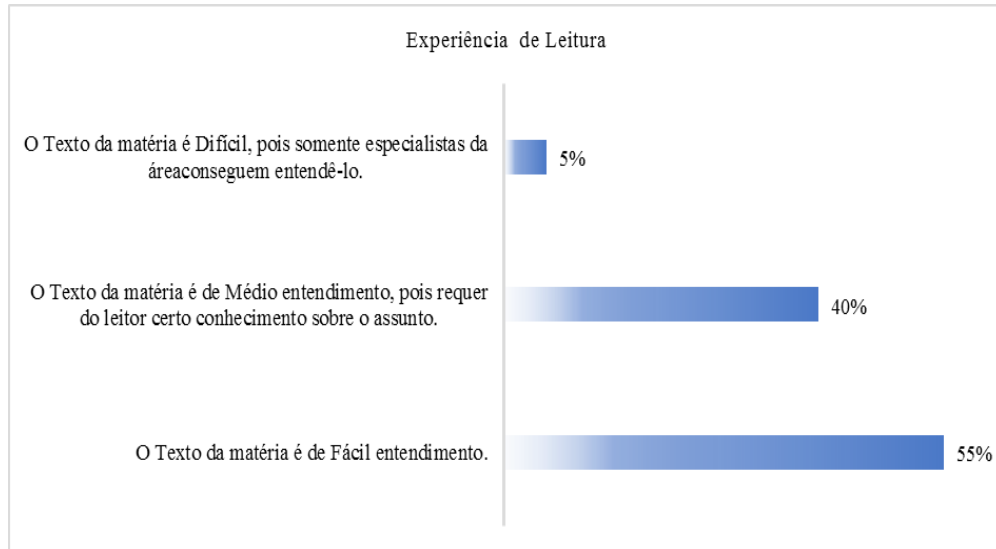
Fonte: Elaborado pelo autor

Já no Gráfico 2, os discentes realizaram a leitura do hipertexto *O que é a 4ª revolução industrial - e como ela deve afetar nossas vidas*, postado no site <http://www.bbc.com>. A temática escapa a zona de conforto dos discentes, pois exige conhecimentos gerais, pois aborda temas diversificados.

Mesmo escando a zona de conforto, os resultados foram animadores, pois manteve-se o mesmo percentual da questão anterior, ou seja, 55% deles apontaram que o hipertexto é de fácil entendimento. Um dos princípios que auxiliaram os estudantes é que a maioria deles estão habituados a textos não-lineares, outro fator é que a maioria deles são nativos digitais.

Mas Marcuschi e Xavier (2004, p.173) destacam que é preciso respeitar alguns critérios, no caso dos hipertextos, pois por serem não-lineares podem fragmentar e provocar dispersão do leitor no processo de leitura e compreensão. A afirmação dos autores, parte do pressuposto que todo e qualquer material proposto para a leitura deve ser respaldado por um objetivo de aprendizagem, caso o documento selecionado for elaborado sem critérios de escaneabilidade e também com o foco no leitor, ele pode ocasionar resultados não satisfatórios.

Quadro 2 - Experiência de Leitura 2



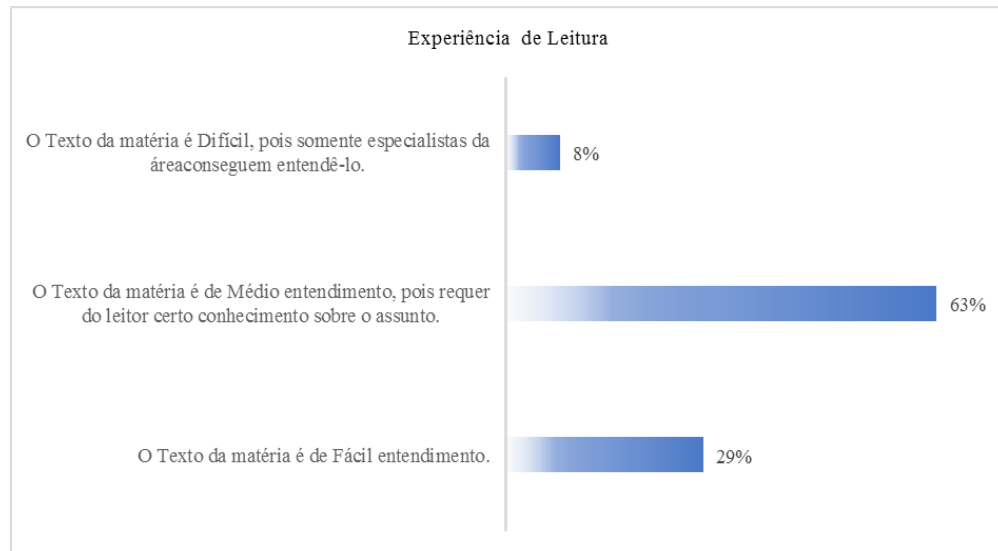
Fonte: Elaborado pelo autor

Em relação ao 3º hipertexto, Quadro 3, observou-se que mais da metade dos discentes, 63%, apontaram, após a leitura, que o material lido possuía grau médio, no quesito dificuldade de entendimento. Isso porque, a temática do hipertexto, *Blockchain: conheça a tecnologia por trás da revolução das moedas virtuais*, requer do leitor certa perspicácia, ou seja, pesquisar informações extras em outros sites, apesar que o formato do hipertextos que está postado no site da Endeavor, <https://endeavor.org.br/blockchain/>, apresentar hiperlinks consideráveis.

Diante disso, percebe-se que a maioria dos estudantes universitários “esperam” encontrar todas as informações necessárias em um hipertexto, quando isso não acontece, possivelmente, ocorre o descarte ou rejeição de se ler o material. Isso acontece, segundo Xavier (2004,172) porque o

hipertexto exige do seu usuário muito mais que mera decodificação das palavras que flutuam sobre a realidade imediata. Aliás, qualquer leitura proficiente de um texto impresso tradicional leva sempre o leitor a lançar mão de seus conhecimentos enciclopédicos, cobra-lhe intenso esforço de atos inferenciais, preenchimentos de lacunas e interstícios deixados pelo autor[...]

Quadro 3 - Experiência de Leitura 3

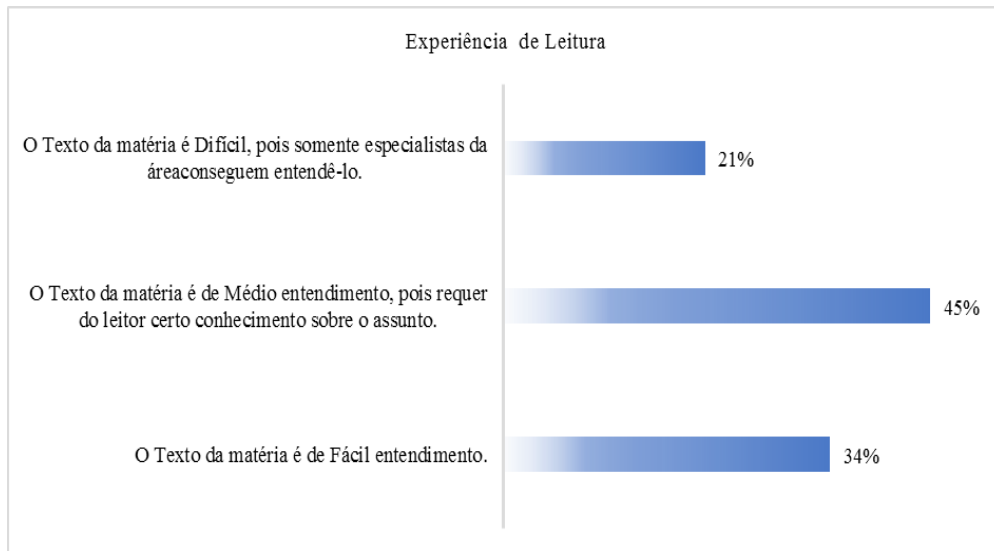


Fonte: Elaborado pelo autor

O último hipertexto proposto para a leitura pode ser considerado como o mais complexo, pois nas questões anteriores o percentual não chegou a 10%, quando o assunto foi dificuldade de entendimento do hipertexto. No questionamento 4, os leitores, 21%, apontaram que somente especialistas poderiam entender o hipertexto.

Um dos motivos para que 21% dos acadêmicos terem afirmado, que para entender tal hipertexto seria necessário ser um especialista no assunto. Essa afirmação vai ao encontro do próprio gênero textual do material, artigo de opinião, que disto dos outros hipertextos utilizados na pesquisa, pois eles possuem maior cunho informativo do que argumentativo, isto é, não constituíam intencionalidade de convencimento do leitor.

Quadro 4 - Experiências de Leitura 4



Fonte: Elaborado pelo autor

Outro dado importante é que hipertexto 4 extrapola em extensão textual, em relação outros, exigindo do leitor maior conhecimento de mundo e curiosidade para explorar os hiperlinks presentes no material. Kock apelida esses hiperlinks de “nós” chama de nós, pois eles possibilitam os sobresaltos coesivos de uma pagina a outra.

Os hiperlinks podem ser fixos – aqueles que ocupam um espaço estável e constante no site; ou móveis – os que flutuam no espaço hipertextual, variando a sua aparição conforme as conveniências do produtor, desempenhando funções importantes, entre as quais a dêitica, a coesiva e a cognitiva. (KOCH,2009, p.26).

Para ilustrar o que Kock (2009) discute, abaixo é apresentado um Quadro com algumas respostas a pergunta discursiva: *O que mais dificultou na leitura dos 4 textos?*

Quadro 1 - Resposta da Pergunta Aberta

Respostas referente ao texto 4
É muita informação pra absorver de uma vez!! rsrs Texto: "É hora de olhar para 2025 e para os pontos de inflexão da sociedade digital - Estudo do World Economic Forum ajuda a compreender os impactos das mudanças que estão por vir"
Texto 2025, de pensamento no futuro, bem elaborado mas muitas coisas que eu acredito não poder ser executado até a data proposta.
Primeiramente a letra dificulta tudo (Possui a opção de aumentar, mas a mesma não funciona); texto requer conhecimento em desenvolvimento de software por empresas
É hora de olhar para 2025 e para os pontos de inflexão da sociedade digital. difícil de entreder pq tem muitas singas q nao mostra o que signica e tbm e muito longo e com letra pequenas
O texto apresentado nesse site me impossibilita de fazer um entendimento de forma fácil, pois tem muitas palavras de difícil entendimento as letras estão com uma formatação que não ajuda muito o espaçamento está muito curto e o tamanho da fonte está muito pequeno. "
O texto contém algumas informações técnicas, o que exige certo conhecimento.

Fonte: Elaborado pelo autor

O último hipertexto também assumiu o papel de suporte, pois possibilitou a apresentação, para os acadêmicos, de como é estruturado um hipertexto e também as habilidades requeridas, ou seja, que vão além de apenas respeitar as normas gramaticais. Dessa forma, para escrever textos na atualidade se faz necessário uma revisão de conceitos, pois a educação brasileira ainda promove o ensino da produção de textos puramente lineares e na contramão disso, o mundo do trabalho seleciona pessoas que consigam escrever e interpretar textos não-lineares, ou seja, os hipertextos.

Koch (2009, p.28) reforça:

Por esta razão, o hipertexto não é feito para ser lido do começo ao fim, mas por meio de buscas, descobertas e escolhas, que irão levar à produção de UM sentido possível, entre muitos outros. Ou seja, no hipertexto a multiplicidade de leituras é condição mesma de sua existência: sua estrutura flexível e não-linear favorece buscas divergentes e o trilhar de caminhos diversos.

Santaella (2012) aponta que a circulação desses hipertextos é motivada pela cibercultura, pois a sociedade já está engendrada nesse universo, que borbadeia todos os momentos novas experiências de leitura, desde imagens até audiovisuais. Diante disso, os “motores” interpretativos dependem da “imersão” do leitor em todas as mídias que integram os hipertextos.

Conclusões

O desenvolvimento da pesquisa oportunizou identificar as lacunas no processo de ensino-aprendizagem de leitura e escrita, em especial no século XXI, pois as universidades brasileiras, quer do setor público e privado, estão recebendo alunos “enformados” nas estruturas didático-pedagógicas utilizadas no século XIX.

Na contramão disso, vem a exigência do mundo do trabalho em formar estudantes capazes de ler, escrever e interpretar de forma considerável, mas que ainda está distante da realidade das escolas brasileiras.

Outro fator importante oportunizado pela pesquisa, foi identificar que mesmo com todos os avanços tecnológicos a sinapses cerebrais são de extrema importância para promover as inovações tecnológicas. Essa afirmativa desmonta o discurso de que as inovações tecnológicas resolvem por si só todos os problemas, assunto discutido por Mota e Scott (2014).

Portanto, rejeitar a proposta de colaborar e promover o ensino-aprendizagem de hipertextos significa imperdir a inserção dos acadêmicos no universo da comunicação bidirecional. Denota-se a importância de promover a escrita acadêmica, ou seja, artigos científicos, resenhas, dissertações dentre outras, mas “provocar” que os acadêmicos saibam escrever hipertextos é essencial e urgente.

Referências Bibliográficas

AMADEI, José Roberto Plácido; TORKOMIAN, Ana Lúcia Vitale. As patentes nas universidades: análise dos depósitos das universidades públicas paulistas. **Ciência da Informação**, v. 38, n. 2, p. 9-18, 2009.

ARBIX, Glauco; CONSONI, Flávia. Inovar para transformar a universidade brasileira. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 26, n. 77, p. 205-224, 2011.

BROWN, Tim et al. **Design thinking: Uma Metodologia poderosa parágrafo decretar O Fim das Velhas ideias**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

DIAMANDIS, Peter H.; KOTLER, Steven. **Abundância: o futuro é melhor do que você imagina**. Casa Educação-(Casa Educação Soluções Educacionais LTDA), 2012.

FACHINETTO, Eliane Arbusti. O hipertexto e as práticas de leitura. **Revista Letra Magna: revista eletrônica de divulgação científica em língua portuguesa, linguística e literatura, Guarujá, ano**, v. 2, 2005.

KOCH, Ingedore G. Villaça. Hipertexto e construção do sentido. **ALFA: Revista de Linguística**, v. 51, n. 1, 2009.

LEMONS, André. Cibercultura, cultura e identidade. Em direção a uma “Cultura Copyleft”?. **Contemporanea-Revista de Comunicação e Cultura**, v. 2, n. 2, 2009.

LONGO, Walter. **Marketing e comunicação na era pós-digital: as regras mudaram**. Casa Educação-(Casa Educação Soluções Educacionais LTDA), 2014.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. Lucerna, 2004.

MOTA, Ronaldo; SCOTT, David Arthur. **Educando para inovação e aprendizagem independente**. Rio de Janeiro, 2014.

OSTERWALDER, Alexander, PIGNEUR, Yves. **Business Model Canvas - Inovação em Modelos de Negócios**. Um Manual para Visionários, Inovadores e Revolucionários. Rio de Janeiro: Alta Books, 2011.

SANTAELLA, Lucia. Potenciais e desafios para a comunicação e inovação. **Comunicação & Inovação**, v. 8, n. 14, 2010.

VALENTE, José Armando. Blended learning e as mudanças no ensino superior: a proposta da sala de aula invertida. **Educar em Revista**, p. 79-97, 2014.

VIANA, Thaís Claudino et al. Produção textual no computador. In: **Anais do Congresso Nacional Universidade, EAD e Software Livre**. 2012.